4º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ARQUITETURA VERNÁCULA POPULAR: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

ARQUITETURA CONTERRÂNEA – Experimentação de um módulo habitacional em Cametá/PA

ARQUITECTURA CONTERRANEA – Experimentación de um módulo habitacional em Cametá-PA

CONTERRANEA ARCHITECTURE – experimentation of a housing module in Cametá-PA

EIXO TEMÁTICO: 02 – Arquitetura vernácula popular, usos, funções e apropriação contemporânea

PEREIRA, Gabriela Morais

Dra. Arquiteta e Urbanista; Universidade do Estado de Sta Catarina - UDESC

gabriela.pereira@udesc.br

BRASIL, Thiago Emanuel de Souza

Arquiteto e Urbanista; Universidade do Estado de Sta Catarina - UDESC

thiagobrasil9@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem foco na Arquitetura Vernácula da população ribeirinha de Cametá, no nordeste Paraense. Teve como objetivo compreender o modo de vida dessa comunidade, seus rituais cotidianos e relações estabelecidas com o meio social e físico, caracterizar os tipos habitacionais das áreas de várzea paraense e compreender as respostas das habitações a esse modo de vida. O conteúdo aqui apresentado é o componente teórico do Trabalho de Conclusão do arquiteto Thiago Brasil, sob orientação da Dra arq. Gabriela Pereira, apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura vernacular; Habitação Ribeirinha; Palafita.

RESUMEN

Esta investigación se centra en la Arquitectura Vernácula de la población ribereña de Cametá, en el noreste de Pará. El objetivo fue comprender el modo de vida de esta comunidad, sus rituales cotidianos y las relaciones que establecen con el entorno social y físico, caracterizar los tipos de vivienda en las zonas inundables de Pará y comprender las respuestas de las viviendas a ese modo de vida. El contenido aquí presentado es el componente teórico del Trabajo Final del arquitecto Thiago Brasil, bajo la dirección del Dr. Arq. Gabriela Pereira, presentada en el Curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Estadual de Santa Catarina – UDESC.

PALABRAS CLAVE: Arquitectura vernácula; Vivienda junto al río; casa sobre pilotes.

ABSTRACT

This research focuses on the Vernacular Architecture of the riverside population of Cametá, in the northeast of Pará. The objective was to understand the way of life of this community, its daily rituals and relationships established with the social and physical environment, to characterize the housing types in the floodplain areas of Pará and to understand the responses of the dwellings to this way of life. The content presented here is the theoretical component of the Final Work by architect Thiago Brazil, under the guidance of Dr. Arq. Gabriela Pereira, presented to the Architecture and Urban Planning Course at the State University of Santa Catarina – UDESC.

KEYWORDS: Vernacular architecture; Riverside Housing; Stilt house.

INTRODUÇÃO

A problemática habitacional, no Brasil, é tema de diversas pesquisas, discussões e ações em muitas esferas. Em alguns momentos essa problemática toca questões muito singulares, como é o caso observado em Cametá, município no nordeste do Pará, distante 5h de Belém, a capital.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que Cametá, em 2021, possuía 140mil habitantes. Destes, 101.121 pessoas (72%) estão inscritas no CadÚnico, banco de dados utilizado por programas sociais do Governo Federal para acesso a benefícios. Observa-se, por exemplo, um número expressivo de famílias sendo atendidas pelo Bolsa-família, programa federal de transferência direta e indireta de renda, destinado às famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza. Das pessoas cadastradas, 64.869 (64,15%) moram na área rural, 99% sobrevivem com até 1 salário mínimo (s.m.) por família[1] e nenhuma possui renda acima de 2 s.m.

A zona rural de Cametá corresponde “às áreas não urbanizadas do município, incluindo as várzeas e abrangendo áreas de proteção ambiental e áreas destinadas ao desenvolvimento de atividades produtivas” (Cametá, 2007, p.3). Nessas áreas predominam a agricultura familiar e de extrativismo, inclusive como dinâmica de expansão da ocupação e forte vínculo cultural. Onde “os membros das famílias se aglutinam, constroem suas casas, e produzem em suas terras [herdadas]” (Mourão, 2017, p.2). Essa região guarda ainda aspectos peculiares. Como exemplo, mesmo havendo acesso por via terrestre, pela Alça Viária PA 151, é necessário acessar uma balsa ou embarcação para acessar o município. Assim, o rio ainda é o elemento essencial de acesso, transporte e deslocamento na região, comercialização dos produtos, acesso a serviços e lazer. Daí o forte predomínio da cultura ribeirinha. Tal observação reforça o que define Souza (2017) para Cidade Ribeirinha, como sendo aquela localizada às margens dos rios e articulando-se ao rio como modo de circulação, meio econômico, social e cultural.

As famílias que ocupam essas áreas rurais, vivem desprovidas de infraestrutura básica e saneamento, implicando em aglomerados subnormais, condições precárias de vida e um baixo índice de desenvolvimento humano. Diante dessa situação, a relação com o meio ambiente é essencial para a manutenção do sustento dessas famílias.

[1] Salário mínimo em 2022 (época da pesquisa): R$ 1212,00

Como Weimer (2005) relata, a arquitetura popular[2] frequentemente é relacionada com habitação precária por conta de processos de exclusão social e ausência de políticas públicas que preservem o modo de vida dos seus habitantes, mantenha-os em seus territórios originários e conserve suas relações sociais e cotidianas. Quando trazemos o foco para a habitação de promoção pública[3] , a despeito de haver ações voltadas às comunidades tradicionais, o que se verifica são as soluções ditas “padrão” ou formal[4], configuradas como unidades multifamiliares ou unifamiliares reduzidas, em lotes urbanos distribuídas em assentamentos periféricos aos centros das cidades. E isso não é diferente em Cametá. Na figura 1, destacam-se os dois conjuntos habitacionais mais recentes, de promoção pública, que totalizam 1489 casas.

Figura 1: Zona urbana de Cametá. Em destaque os conjuntos PMCMV. Fonte: Adaptado do Google Maps

[2] Aqui cabe registrar que adotaremos o termo arquitetura popular como sinônimo de arquitetura vernacular, entendendo como semelhante àquele adotado por Weimer (2205, p.XLI) ”aquela que é própria do povo e por ele é realizada”, a partir de seu entendimento quanto às necessidades espaciais, seu repertório e experiências de habitar e a disponibilidade de técnicas, materiais e sistemas construtivos.

[3] Aquela produzida por entes públicos como governo municipal, estadual ou federal a partir de programas, ações e verba pública.

[4] Adotamos como entendimento de arquitetura formal, aquela produzida segundo regras e parâmetros urbanísticos e arquitetônicos, seguindo preceitos quanto ao processo de planejamento, projeto e execução e envolvendo agentes da área da construção como arquitetos, engenheiros e técnicos em edificação.

A partir desse entendimento, surgem alguns questionamentos sobre a habitação em Cametá: estes conjuntos habitacionais poderiam atender, satisfatoriamente, às famílias que têm seu meio de vida baseado na floresta e nos rios? As casas propostas contemplam as particularidades do modo de vida ribeirinho? É possível um projeto que contemple as soluções postas pela população para suas habitações enquanto programa, dimensionamento e organização espacial?

A primeira pergunta, quase que obviamente, tem resposta negativa considerando, principalmente, a retirada das famílias das zonas rurais para as zonas urbanas o que implica estarem distantes do rio e da floresta. E assim concorda De Francesco et al (2021) quando afirma que, principalmente para povos indígenas e tradicionais, os impactos ocasionados por deslocamentos são ainda mais severos uma vez que estes perdem seus meios de subsistência, assim como elementos cruciais e sustentadores de sua cultura, identidade e modo de vida.

Para a segunda pergunta, a adoção de uma casa com programa único – sala, cozinha, banheiro, dois quartos e um tanque na área externa – não contempla qualquer leitura ou reconhecimento do modo de vida das famílias para sua expressão no projeto da casa. Este programa mínimo básico, é definido nas especificações técnicas do Programa Minha Casa Minha Vida, ação do Governo Federal e promotor dos dois conjuntos identificados anteriormente na figura 1.

Com a terceira pergunta como norteadora, essa pesquisa buscou reconhecer o modo de vida de uma comunidade ribeirinha de Cametá identificando seus rituais cotidianos, sua relação com o espaço da casa, suas necessidades e particularidades assim como seus desejos. A partir desse reconhecimento, estabelecer um programa de necessidades, a caracterização dos ambientes domésticos esperados e a relação a ser estabelecida entre a casa e o entorno.

OBJETIVOS E MÉTODOS

Para identificar características que distinguem a arquitetura vernácula da arquitetura formal, foi realizada revisão bibliográfica e levantamento documental em bases nacionais. A partir desse levantamento foi possível identificar elementos simbólicos e tipológicos que caracterizam a arquitetura popular amazônica. A partir dessa investigação inicial, foi realizado visita à campo e levantamento fotográfico objetivando elencar e caracterizar os principais tipos arquitetônicos presentes na várzea paraense.

Por meio da aplicação de entrevistas e *Poema dos desejos*[5], foi possível compreender a dinâmica cotidiana das pessoas e sua relação com o espaço doméstico. Estas visitas in loco e entrevistas, permitiram o levantamento sobre principais métodos e sistemas construtivos, assim como as razões para adoção destes.

A partir das informações *qualitativas* buscou-se construir um programa de necessidades que traduzisse e refletisse o modo de vida ribeirinho de Cametá, de modo a permitir uma reflexão e um questionamento sobre a produção habitacional pública naquela cidade.

As informações levantadas e processadas subsidiaram um exercício especulativo sob a forma de Trabalho de Conclusão. Esse, enquanto estudo preliminar, apresenta o programa de necessidades e articulação dos ambientes resultantes das entrevistas e observação em campo e algumas propostas de soluções bioclimáticas para as condicionantes locais, além de outros elementos que pudessem manter a relação das casas com o meio em que estão inseridas.

A ARQUITETURA VERNACULAR RIBEIRINHA

A compreensão do modo de vida ribeirinho é imprescindível para o entendimento das tipologias habitacionais das áreas de várzea, visto que essa forma de habitar é herança da profunda miscigenação étnica da região (OLIVEIRA, 2020).

> As comunidades tradicionais amazônicas, de um modo geral, tiveram acesso à terra através de herança, ou posse e apresentam concepção comunal de uso da terra. A organização das atividades de trabalho não está separada de rituais religiosos, de festividades ou outras manifestações da vida e da sociabilidade grupal, responsáveis por maior ou menor integração das relações familiares e de parentesco. É prioritário reconhecer a diversidade empírica de sociedades e, portanto, de concepções específicas, construídas e acumuladas em épocas diversas e em dados territórios. (OLIVEIRA, 2020, p.74).

A diversidade das técnicas e saberes populares desenvolveram-se apropriando-se do meio onde estão inseridas e adaptadas às suas necessidades locais. As manifestações espaciais dessas comunidades são conhecimentos resultantes das experiências da vida na natureza passados geração após geração, configurando também essa arquitetura integrada à natureza.

[5] Método que permite a usuários de um ambiente/espaço declarar, seja por palavras, frases mas sobretudo desenhos, suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao edifício ou ambiente analisado.

A floresta aluvial, ecossistema onde vivem essas comunidades, é fonte de materiais para as habitações, além de ditar algumas relações dessas com o meio (OLIVEIRA, 2020). Observa-se um equilíbrio entre a extração e regeneração das florestas e ainda as tipologias habitacionais e as inundações sazonais que ocorrem nesse ecossistema (SILVA, 2016). Na figura 2 pode-se observar a conjunto de palafitas, tipologia predominante na várzea e ainda a articulação entre espaço privado da moradia junto ao espaço público do adro da igreja.

Figura 2: Assentamento de várzea na região de Cametá/PA. Fonte: autor, 2020.

Apesar da grande miscigenação ocorrida na Amazônia, nas habitações das áreas de várzea, percebe-se uma preservação primordial das heranças indígenas – desde a materialidade às técnicas construtivas. (WEIMER, 2005). Enquanto espacialidade, as moradias se organizam de maneira semelhante entre si, como mostra a figura 3, onde se observa haver uma transição entre o rio, o espaço da casa, uma área livre de plantio e manejo e a floresta.

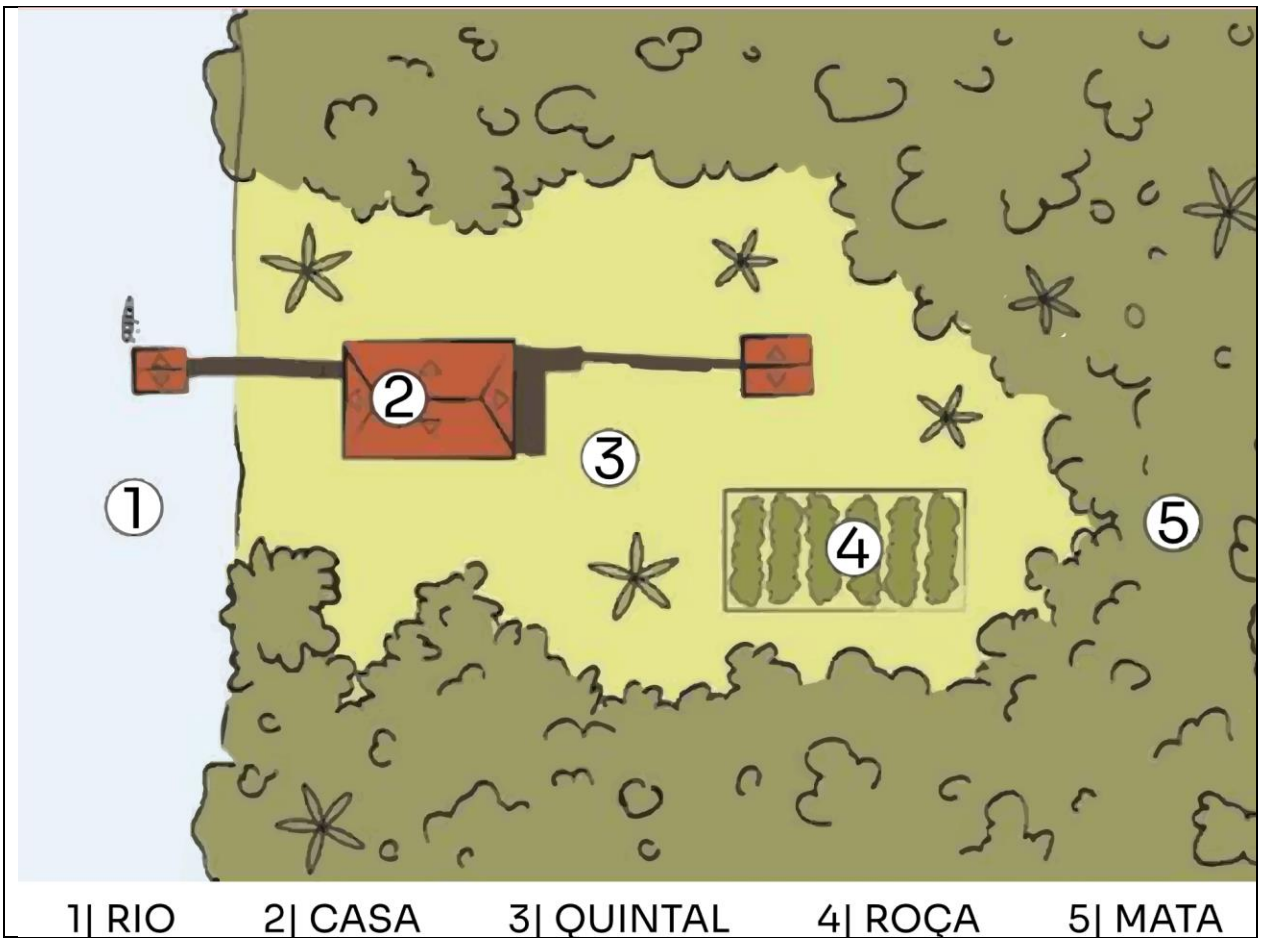

Figura 3: Esquema de implantação da habitação ribeirinha. Fonte: Adapatado de Cardoso, Vicente, Brito, 2019.

Enquanto tipologia formal, Oliveira (2020) demonstra haver um desenho simples, como demonstrado na figura 4, até mesmo comum entre as moradias e outros espaços como o da igreja e que incorporam estratégias para ventilação permanente e sombreamento das aberturas.

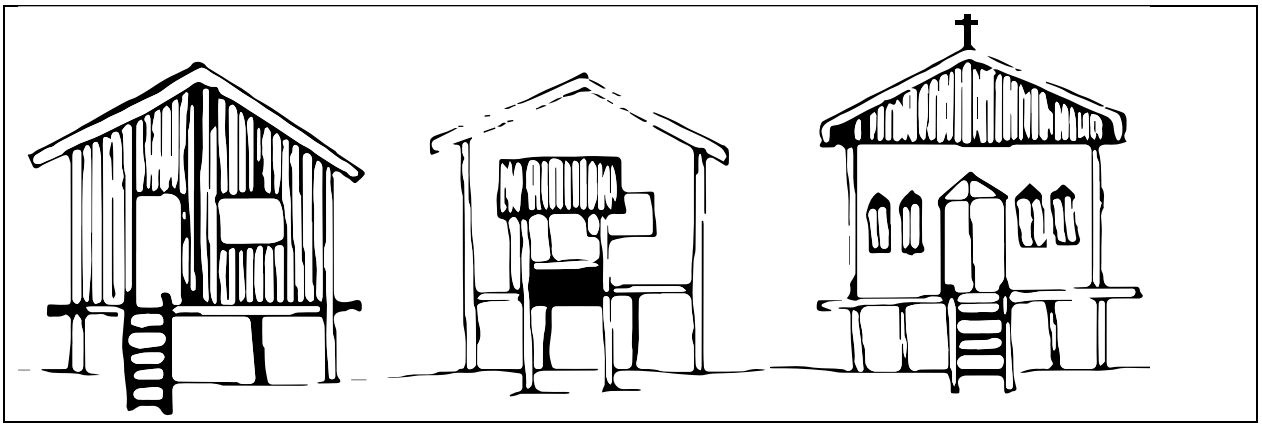

Figura 4: representação das tipologias de várzea. Fonte: Oliveira, 2020.

Perdigão e Menezes (2021) fizeram estudos tipológicos da arquitetura vernacular amazônica, considerando topologia e geometria do tipo palafita. A análise topológica é feita com base em Christian Norberg-Schulz, considerando os conceitos de proximidade, continuidade e sucessão estabelecidos por ele, e a análise geométrica é feita apoiada em Giulio Carlo Argan, considerando o todo, as partes em relação ao todo e as partes significativas da geometria.

As autoras entendem que proximidade “diz respeito à distância entre uma região e outra, e espacializa relações como longe, perto e centro” (MENEZES; PERDIGÃO; PRATSCHKE, 2015). O conceito de continuidade define caminhos e direções, utilizando-se de conceitos como “acima ou abaixo”, “vertical ou horizontal”, ou ainda “direita ou esquerda”, “horizonte ou perspectiva”. Por fim, conceituam a sucessão como “a relação entre o interior e o exterior de um lugar e o grau de continuidade entre os ambientes” (MENEZES; PERDIGÃO; PRATSCHKE, 2015). Estes conceitos são ilustrados na figura 5.

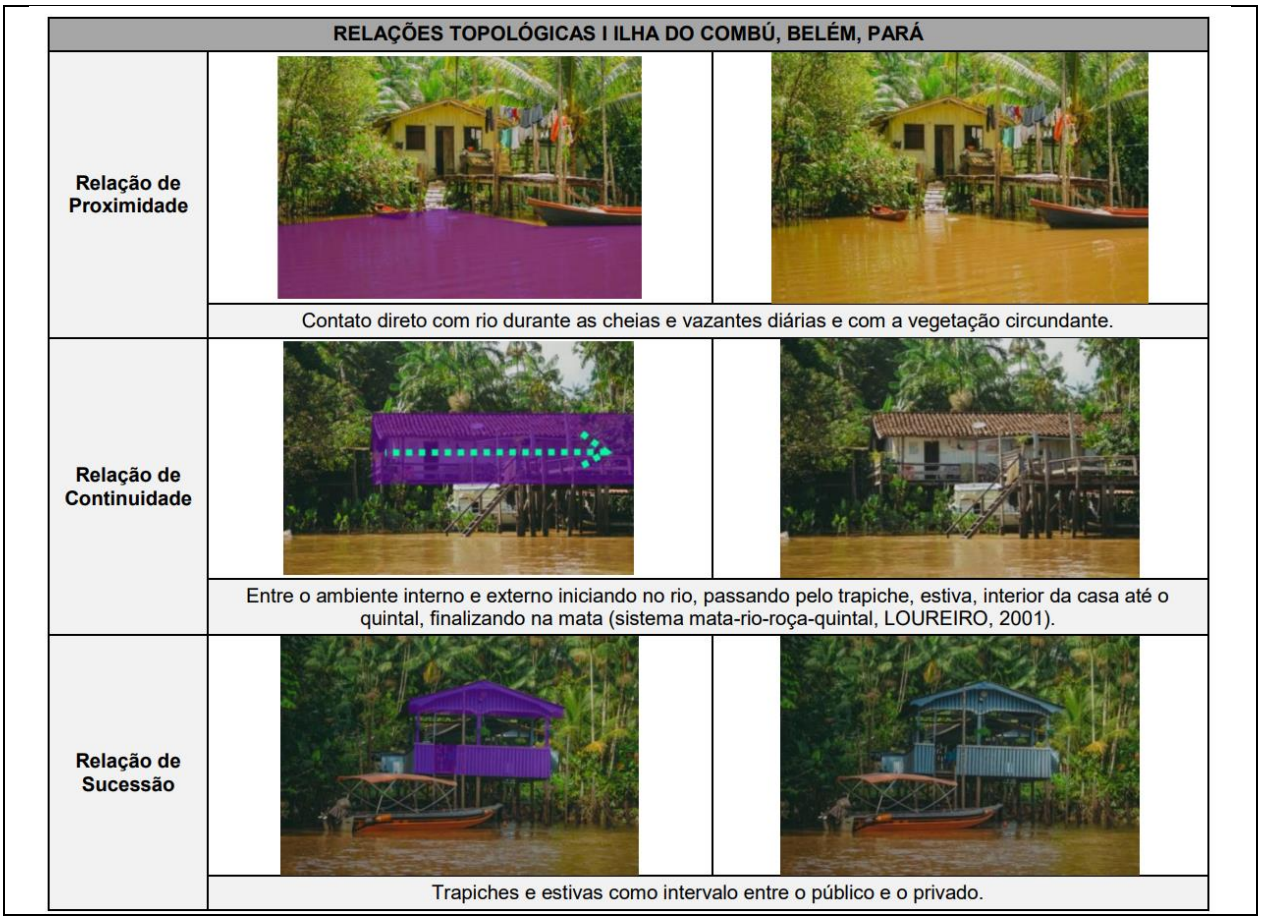

Figura 5: análise topológicas na Ilha de Combú, Belém/PA. Fonte: Perdigão, Menezes, 2021.

Para a análise das relações geométricas das tipologias de várzea, as autoras compreendem o conceito de todo como a representação volumétrica da edificação. São caracterizadas também as partes da edificação, para estabelecer relações com o todo, as quais se refletem nas proporções entre alturas da casa e a elevação do solo e na proporção entre altura e largura no plano de fachada. A distância entre a estiva e a palafita também é considerada como uma parte relacionada ao todo da edificação (PERDIGÃO, 2016). Sobre as partes significativas, caracterizam-se pelos “detalhes da cobertura, as empenas, os acabamentos, os detalhes decorativos, além de bancos, avarandados e detalhes de fachada” (PERDIGÃO, 2016). Tais conceitos são ilustrados na imagem 06.

Figura 6: análise geométrica de habitação na ilha de Combú, Belém/PA. Fonte: Perdigão, Menezes, 2021.

A análise topológica trás relações mais profundas da tipologia palafita com o lugar de implantação. Percebe-se como ela é adaptada ao contato constante com o rio, assim como seus habitantes. Diariamente as relações com o rio se modificam, por conta dos cursos de cheia e

vazão. (SILVA, 2016). Sobretudo, há delimitações claras sobre o espaço público e privado nas residências, o que representa a sucessão entre os espaços da casa.

A análise geométrica, genericamente, entende a simplicidade do todo, e em seu artigo as autoras demonstram as repetições dessa geometria na tipologia palafita. A proporção da altura das casas, se comparadas ao entorno, não são diretamente proporcionais, o que resulta em estivas ou varandas mais alongadas, visto que geralmente acompanham toda extensão das casas.

Como aspecto de criatividade (WEIMER, 2005), os habitantes introduzem detalhes geométricos que condensam a tradição do povo e soluções práticas e cotidianas como aberturas para ventilação em forma de trama, por exemplo.

As análises topológicas e geométricas promovem subsídios para pensar a implantação das habitações e sua relação com o entorno da floresta. Como forma de exercitar esse conteúdo foi selecionada a localidade de Janua Coeli para uma proposta de implantação.

CAMETÁ E O DISTRITO DE JANUA COELI

A cidade de Cametá, localizada na porção nordeste do estado do Pará, foi fundada em 1635 sendo a segunda cidade do Pará, uma das mais antigas da Amazônia, sendo reconhecida em 1986 como Patrimônio Histórico Nacional. Possui influência, em sua formação, de várias etnias como indígena, francesa e portuguesa.

O distrito de Janua Coeli, localizado a noroeste da cidade de Cametá (fig 9), configura-se uma pequena sede ligada por rodovia tanto ao distrito sede da cidade, quanto ao centro de outra cidade – Limoeiro do Ajuru. Também é o primeiro distrito a ser acessado para os que chegam à Cametá por meios hidroviários. A proximidade ao distrito de Curuçambaba também é de extrema importância, visto que esta é a localidade mais próxima com acesso a Belém, mesmo que ainda deva ser percorrida aproximadamente 208 km de rodovia até acessar a capital.

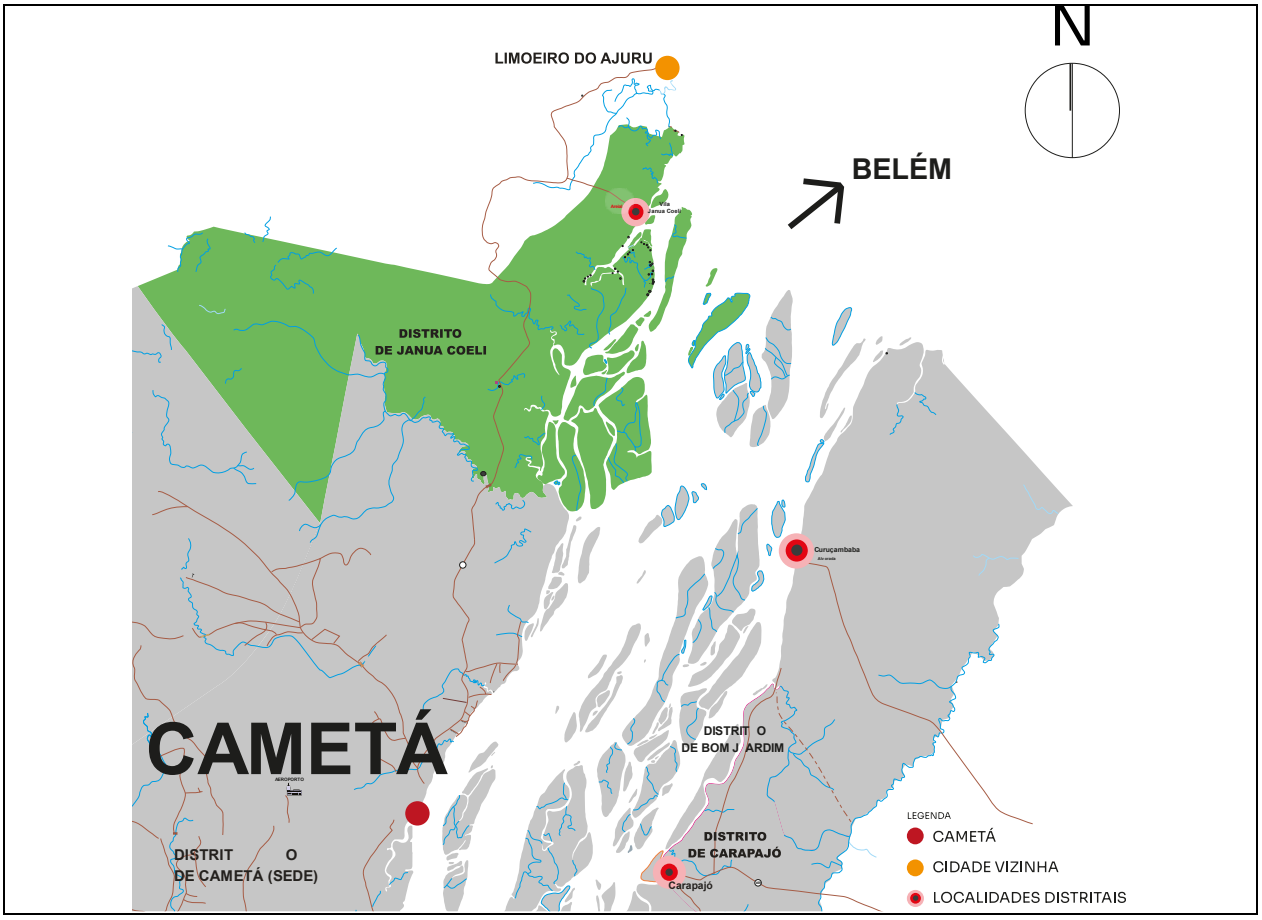

Figura 7: Distrito de Janua Coeli. Fonte: adaptado de Prefeitura Municipal de Cametá, 2023.

O distrito possui uma organização comunitária forte e uma infraestrutura suficiente, havendo uma escola e sede de duas igrejas que são espaços articuladores importantes para o território.

Para maior compreensão do modo de vida ribeirinho, das dimensões simbólicas do espaço e necessidades imediatas dos moradores do distrito de Janua Coeli, foi realizada pesquisa de campo utilizando dois métodos de pesquisa: o Poema dos desejos e uma entrevista semiestruturada.

PESQUISA DE CAMPO

O Poema dos Desejos é um método de livre expressão e foi utilizado para identificar as necessidades dos habitantes da localidade. O levantamento ocorreu durante visitas feitas entre os dias 04 e 20 de outubro de 2022.

Foram entregues aos participantes folhas com as frases “A parte que mais me identifico na minha casa é...” e “A minha casa ideal...”. Por meio desse método obtiveram-se alguns conceitos, os quais são representativos das necessidades de cada participante, mas sobretudo, da comunidade a quem pertencem.

A primeira frase relaciona-se com a realidade do participante, no que compete a sua afeição na residência. O espaço da cozinha destacou-se enquanto representação do espaço de encontro e de maior permanência, mas também como o espaço de trabalho visto a maior parte das famílias trabalhar com a coleta e extração do açaí e a pesca. A seguir surge o espaço da sala enquanto extensão da varanda e da estiva também como espaço de encontro e reunião da família. Destaca-se assim a relevância do sentimento de vida em comunidade expressa no espaço doméstico.

Na segunda frase, a intenção era identificar as necessidades mais relevantes da família quanto ao espaço da casa. Alguns destaques serão aqui apresentados.

Segundo o Morador 1, seu desejo é “uma casa que tivesse parede”. Nesse contexto, a casa desse morador possui apenas paredes ao redor do único quarto que existe na casa e na fachada frontal. Tanto as laterais da sala, da cozinha e os fundos da moradia não tem fechamento. O jirau, espaço onde são desenvolvidas diversas atividades, entre elas a de higienização dos alimentos, fica integrado à cozinha. O sanitário não fica integrado ao domicílio, visto que, o acesso é feito por uma ponte que leva aos fundos do quintal.

O Morador 2 fez menção ao desejo de ter um banheiro integrado ao espaço da casa. Assim como o morador 1, não há banheiro, apenas um sanitário improvisado, sem louças e metais, que fica localizado atrás da casa.

Os desejos do Morador 3 são muito semelhantes aos do Morador 1. O anseio é por uma casa “terminada”, a qual “não precisa ser grande”. Não há paredes laterais na cozinha e outro agravante é a ausência de ponte e estiva, os quais representam importantes espaços de transição na relação do rio com o acesso à casa. A questão do sanitário se repete nessa situação.

O Morador 4 sente a necessidade de uma “casa nova”, pois a sua está “muito velha”. O telhado da casa, em palha, possui furos e nos fechamentos laterais podem ser encontrados buracos. Na ponte de acesso à casa muitas tábuas estão apodrecendo, o que representa perigo à saúde dos moradores do domicílio.

De acordo com os Moradores 1, 2, 3 e 4, pode-se inferir algumas necessidades latentes. A falta de paredes ou a deterioração delas diz respeito a questões de habitabilidade e conforto no ambiente construído. Outra questão é a privacidade, a qual aproxima-se da insegurança, tanto na falta de fechamentos, quanto ao movimento de saída da casa para o acesso ao sanitário. A falta de banheiro integrado ao domicílio também aponta situações de insalubridade.

Os Moradores 5 e 6 apresentam um aspecto interessante de necessidade. Mesmo imersos na floresta amazônica, desejam por “jardins” ao redor da casa e “acordar com o perfume das flores”. Pode-se deduzir que existe uma necessidade por cuidar de algo, diferente dos afazeres domésticos. Nessa perspectiva, as flores representam, além de atribuição estética e sensorial, o lazer e o descanso no habitar.

Ainda sobre a idealização de sua casa, o Morador 7 apresenta anseios relacionados à composição formal. Sua moradia “ideal” tem os fechamentos em madeira, telhas cerâmicas e o piso com revestimento cerâmico. Este tipo de piso, ao invés do assoalho em madeira, diz respeito a menor necessidade de manutenção e facilidade na limpeza. Entende-se também que há um repertório adquirido previamente sobre a construção tradicional em terra firme: o que é “melhor” para uma casa funcional ou esteticamente.

Os Moradores 8 e 9 entenderam a frase em um âmbito emocional. Destes moradores, o primeiro deseja uma “casa grande cheia dos meus filhos”, e o segundo, “uma casa grande que coubesse todos da minha família num só ambiente”. Há ainda complementações, como, “com muito barulho, gargalhadas, e muito afeto envolvido”. As casas desses moradores são mais bem estruturadas, mas revelam uma vontade intrínseca de constituir comunidades.

Em suma, a análise dos resultados da visita a campo aponta para diretrizes de projeto que, em primeiro plano, dizem respeito a questões de dignidade no ambiente construído, inclusão social, conforto e habitabilidade. Em segundo, descrevem questões culturais e afetivas, desde o viver em família até o viver em comunidade.

É importante para essas pessoas, que vivem literalmente na “margem” da sociedade, relacionarem-se umas com as outras, mesmo em um ambiente tão isolado, como é a floresta amazônica. Nesse sentido, as entrevistas – segundo método utilizado na visita - apontam aspectos funcionais da vida ribeirinha para o desempenho pleno dessas atividades.

A entrevista foi utilizada como forma de compreender como era o cotidiano das atividades da família e o uso dos espaços da casa. Utilizando a estrutura do Modo de Morar (Pereira, 2015) as atividades foram estruturadas em conviver, preparar e servir alimentos, descansar e trabalhar.

O conviver possui traços de demarcação geracional. Antes da energia elétrica chegar na região, havia o hábito de sentar-se à porta da casa, conversar, jogar e rezar. Era uma forma das pessoas confraternizarem e relacionarem-se em família e com os vizinhos. Hoje se reúnem mais para assistir tv e conversam pouco. Ainda há essa comunhão, mas não tão forte. As famílias, mesmo as mais pobres, investem na TV e nos aparelhos que permitem que o sinal chegue até a casa, como meio de entretenimento diário. Os momentos de convivência acontecem mais nos finais de semana e em momentos de comemoração, como exemplificado na figura

Figura 8: Momentos de conviver. Fonte: autor

Para preparar refeições ainda é muito utilizado o fogão a lenha. Contudo já caindo em desuso. Em algumas situações, essa atividade acontece em um anexo da casa. O Jirau é amplamente utilizado, e quanto ao espaço, cobre o mesmo comprimento da cozinha. É onde ficam utensílios da cozinha e aqueles para o preparo de peixes e a extração do “vinho do açaí”, como é chamada a polpa do fruto. O açaí, o camarão e o peixe são os carros-chefes da alimentação ribeirinha.

Para dormir/descansar, a maioria das famílias não tem cama, dando prioridade para a rede e não tendo costume de dormir em quartos, mas sim na sala, ficando a rede exposta no local durante o dia. Há descanso na tarde e à noite na rede. Não dormir no quarto é uma questão cultural, visto que as famílias são numerosas, não há quartos suficientes ou espaçosos o bastante para conter todos os familiares. Apenas os pais, ou os avós, dormem no quarto.Outro aspecto, é que anteriormente não existiam quartos na configuração das casas – elas eram todas abertas. Algumas casas possuíam divisórias apenas na cozinha, como apontou uma moradora.

Como trabalho, as populações ribeirinhas subsistem através do extrativismo vegetal, agropecuária e da pesca. Quanto ao processamento do açaí, alguns instrumentos foram inseridos recentemente na coleta e manejo. São varas com ganchos, lonas plásticas e paneiros, com as quais atingiu-se maior agilidade na extração dos cachos do fruto. Toda família se envolve no processo. Enquanto uns coletam, outros vão “debulhando” o fruto, tornando mais rápida essa tarefa. O açaí é armazenado e vendido na própria casa. Da mesma forma, os que produzem camarão salgado, armazenam o produto e o vendem aos finais de semana, muitos casa.

Com base nessa compreensão a respeito do cotidiano das famílias foi possível fazer uma relfexão a respeito do programa arquitetônico a ser desenvolvido e os requisitos de cada tarefa.

RESULTADOS

A compreensão do modo de vida ribeirinho é imprescindível para o entendimento das tipologias habitacionais das áreas de várzea, visto que essa forma de habitar é herança da profunda miscigenação étnica da região. “As comunidades tradicionais amazônicas, de um modo geral, tiveram acesso à terra através de herança ou posse e apresentam concepção comunal de uso da terra” (OLIVEIRA, 2020, p.74).

A diversidade das técnicas e saberes populares desenvolveram-se apropriando-se do meio onde estão inseridas e adaptadas às suas necessidades locais. As manifestações espaciais dessas comunidades são resultantes das experiências sobre o viver na floresta, conhecimento passado de geração em geração, e que configura um conviver a partir dos ciclos e da dinâmica da floresta, rios e seus entes. Apesar da grande miscigenação ocorrida na Amazônia, percebe-se haver a preservação dos conhecimentos indígenas e, sobretudo, de suas heranças do viver, traduzido na materialidade e técnicas construtivas (WEIMER, 2005).

Os estudos tipológicos da arquitetura vernacular amazônica, realizados por Perdigão e Menezes (2021) consideraram a topologia e geometria das palafitas. Essa sistematização permitiu uma leitura clara sobre um ordenamento da produção tradicional da comunidade Cametaense. A partir disso foi possível identificar os elementos que se repetiam e que deveriam ser utilizados na arquitetura “formal” que tivesse potencial para ser reconhecida por essa população.

O modo de vida do ribeirinho exige soluções construtivas que interajam com as inundações diárias resultantes dos fluxos dos rios. As palafitas, enquanto resposta a esse ambiente, permitem a relação constante com o rio – seu meio de sobrevivência, transporte, reconhecimento cultural e social enquanto sociedade. O material utilizado é o que responde ao conhecimento próprio da população, seus recursos e tecnologias conhecidas. Esse conhecimento passa ainda por introdução de aspectos peculiares “condensam a tradição do povo” (PERDIÇÃO; MENEZES, 2021) e soluções práticas como a ventilação que permite lidar bem com o calor úmido amazônico.

À parte todas as questões formais e técnicas apreendidas ao longo do trabalho, o mais rico fica por conta do olhar da população ribeirinha sobre si. No Poema dos Desejos, foi possível se aproximar de questões conceituais, principalmente sobre o sentimento de pertencimento dos moradores em relação à sua comunidade.

Somado às entrevistas, permitiram uma rica leitura sobre as atividades do “espaço do morar” às quais mesmo tendo um “ordenamento” e conceituação formal são realizados de forma tão específica para os ribeirinhos e de difícil “aceitação” pelo profissional arquiteto. Exemplo foi o espaço de descansar que, a princípio, exige maior privacidade e controle sobre essa privacidade. No entanto, para o ribeirinho, esse é um espaço com privacidade muito tênue, haja vista ele acontecer no espaço formalmente chamado de sala, utilizando-se de redes. O quarto muitas vezes, é apenas “*pra constar”*, como afirmou uma moradora.

Posto isso, definiu-se diretrizes projetuais e um programa básico, apresentado a seguir:

Diretrizes projetuais 1. Arquitetura Vernacular 1.1. Simplicidade Formal 1.2. Adaptação para diferentes arranjos familiares 1.3. Soluções passivas de condicionamento 2. Infraestrutura alternativo 2.1. Saneamento 2.2. Reuso da água 2.3. Tratamento da água 3. Modularidade 3.1. Estrutural 3.2. Ambientes	Estudo de pré-dimensionamento.

O conceito de transição rio/casa/floresta norteou a proposta de implantação, e o estudo do espaço da casa contempla a organização das atividades elencadas na pesquisa de campo (figura 09).

Figura 9: Estudo preliminar de proposta habitacional - Implantação. Fonte: autor

Na proposta destaca-se um hall que possa servir de transição entre o espaço “público” e o espaço íntimo da casa durante as atividades de venda de açaí, camarão ou peixe, que receberam um espaço dedicado a eles – o depósito.

O espaço da cozinha recebeu uma área maior que o comumente encontrado nas casas de modo a considerar todas as etapas de processamento do açaí. Ainda considerou-se o espaço do jirau.

Para os quartos cria-se a possibilidade de maior proximidade com os demais ambientes e um espaço suficiente para duas pessoas. No entanto sendo considerada uma área maior na sala de modo a acomodar possíveis visitas ou o descanso no período da tarde.

A casa traz uma relação linear direta entre a estiva e a ponte que dá acesso ao quintal e à floresta.

O formato da casa resulta de uma provocação quanto à uma possível modulação estrutural.

Como exercício especulativo acadêmico, o estudo preliminar proposto ousa trazer uma estrutura diversa da utilizada pelos ribeirinhos, como demonstra a figura 10

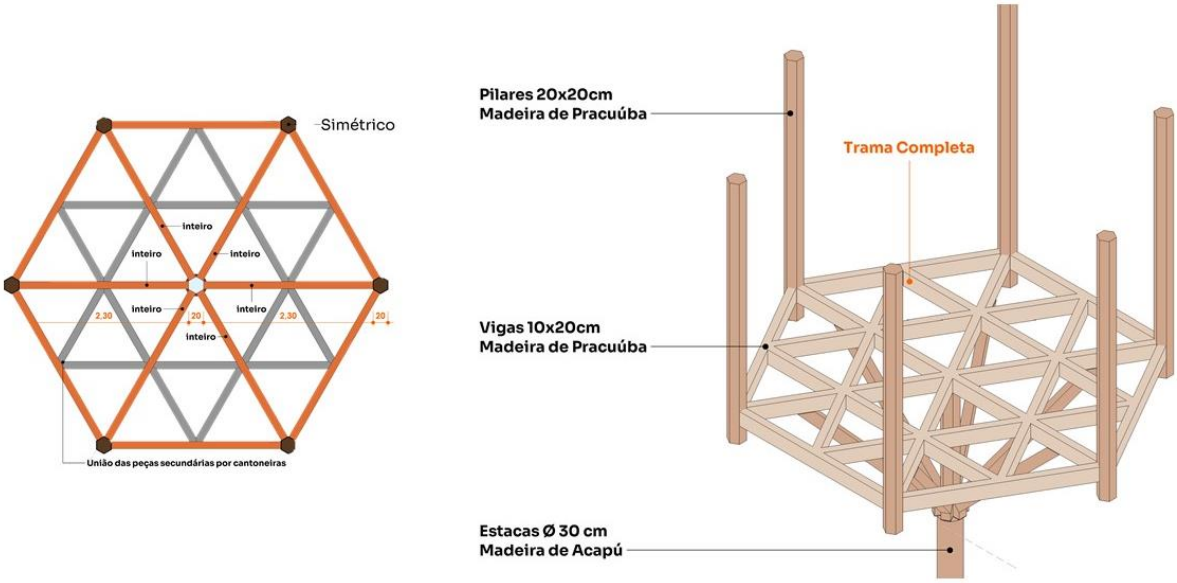

Figura 10: Estrutura modular. Fonte: autor

As habitações ribeirinhas utilizam o sistema de palafitas como modo de melhor distribuir a carga da construção considerando ainda a sabedoria do modo de fazer e a disponibilidade de materiais.

Esse trabalho faz o exercício de subverter essa estrutura – e a forma regular comum das unidades – muito mais como um exercício de projeto que uma alternativa a ser implantada na várzea visto a concentração das cargas nos pilares demandaria elementos de concreto, sondagens e outras demandas que inviabilizam tal proposta.

Em relação às estratégias de condicionamento passivo optou-se por adotar estratégias de ventilação permanente e sombreamento, conforme demonstra a figura 11

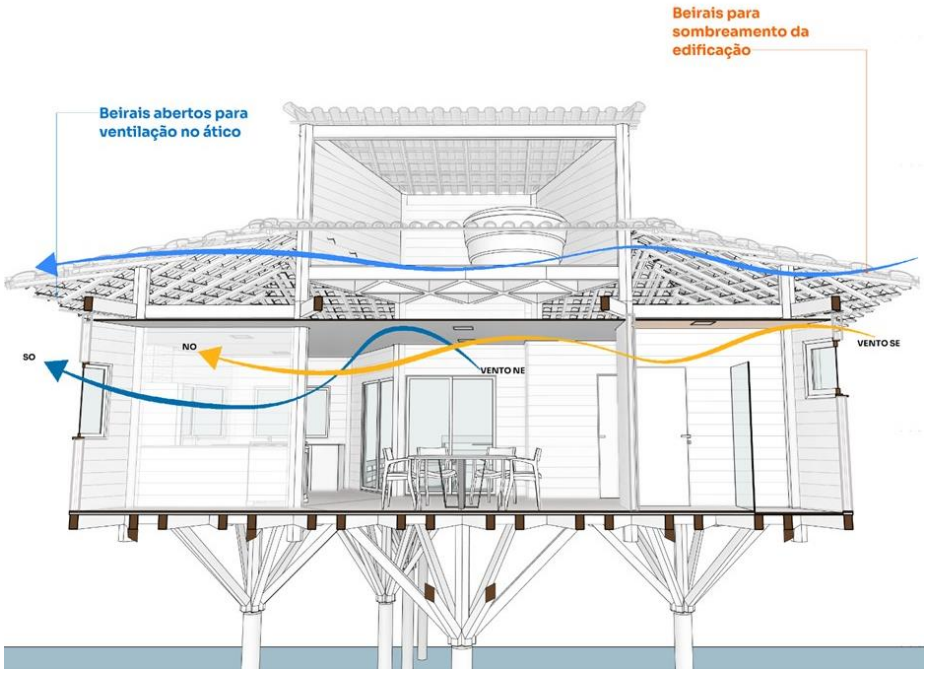

Figura 11: esquema de ventilação de sombreamento da casa. Fonte: autor

A proposta teve como pretensão explorar os conceitos, demandas e questões singulares identificadas na pesquisa de campo, contrapostas aos conceitos bibliográficos e de narrativa de ao propor um estudo preliminar de projeto que pudesse ser visto inserido à floresta, contemplando não apenas um programa de atividades mas questões subjetivas como os espaços externos de convívio e encontro da comunidade, como exemplifica a figura 12.

Figura 12: Vista geral da proposta de habitação modular para Cametá/PA. Fonte: autor

CONCLUSÕES

Percebeu-se como as tipologias de várzea relacionam-se com o meio, desde as relações rio-casa-quintal-floresta, passando pelas interrelações de habitações que constituem comunidades. A partir disso, entende-se que as produções formais contemporâneas inseridas nesse lugar devem, da mesma forma, se adequar e consolidar o modo de vida ribeirinho, o que não acontece quando falamos de produção formal.

Evidenciou-se o profundo atrelamento arquitetônico das tipologias habitacionais à várzea e o ciclo vital gerado por suas implantações e relações com o entorno. Um estudo tipológico facilita um processo de projeto humanizado e adequado ao lugar amazônico e seu modo de viver.

O estudo da habitação ribeirinha revela uma perda na qualidade habitacional da produção formal para essas localidades por não ser previsto consolidação ou mesmo regularização das ocupações de várzea, algumas de décadas, por não serem reconhecidas como possíveis. Não há medidas que consolidem os hábitos das comunidades de várzea, nem que permitem seu desenvolvimento sustentável, sem romper com seu modo de vida.

É imprescindível olhar para a habitação vernacular ribeirinha como parte do ecossistema da floresta. Assim como os cursos de água regeneram as florestas aluviais, estas são provedoras de matéria-prima para a regeneração e adequação das casas, ou seja, da forma como os ribeirinho vivem, sobrevivem e perpetuam toda uma cultura.

REFERÊNCIAS

CAMETÁ. Prefeitura de Cametá. Lei n.086, de 19 Junho de 2007. *Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Cametá e dá outras providências.* Poder Executivo. Cametá, 19/06/2007.

DE FRANCESCO, Ana. Brito, Leticia Lopes. Corrêa, Marcela Garcia. Lopes, Renan de Brito. Scabin, Flávia. *Direito à moradia adequada e a UHE Belo Monte: o caso dos ribeirinhos no beiradão.* Relatório de pesquisa. FGV CeDHE. Novembro 2021.

MOURÃO, Luciana P.de Oliveira Tavares. *Estratégias de resistência da Comunidade de Cametá Tapera-PA: condições de vida e de trabalho entre o urbano e o rural.* Anais do VIII Simpósito internacional de Geografia agrária. Curitiba, Novembro de 2017.

OLIVEIRA, Kamila Diniz. Entre a várzea e a terra firme: Estudo de espaços de assentamentos tradicionais urbano rurais na Região do Baixo Tocantins. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de almeida Viana. Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá. V!RUS, São Carlos, n. 13, 2016. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=4&item=2&lang=pt. Acesso em: 16 out. 2022.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana; MENEZES, Tainá Marçal dos Santos. Arquitetura vernacular amazônica: a palafita em foco. In: Anais do Seminário Arquitetura Vernácula/Popular. Anais [...]. Salvador(BA) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2021. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/arqvernapop/387935-ARQUITETURA-VERNACULAR-AMAZONICA--A-PALAFITA-EM-FOCO. Acesso em: 20 set. 2022.

PEREIRA, Gabriela Morais. Funcionalidade e Qualidade Dimensional na habitação: contribuição à NBR 15575/2013. Florianópolis, 2015. Tese de Doutoramento (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, V. S. de. *Centralidade urbana em cidades ribeirinhas da Amazônia: Parintins-AM.* Manaus, 2017. 149 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas.

WEIMER, Gunter. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, Julie Andrews de França e. A inundação sazonal e a topografia como indicadoras ambientais da regeneração natural em uma floresta ombrófila densa aluvial na Amazônia Oriental. Orientador: Mario Augusto Gonçalves Jardim. 2016. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Belém, 2016. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11019. Acesso em: 15 set. 2022